
A IDEIA DE MEDIAÇÃO NO INTERACIONISMO PIAGETIANO: ALGUNS APONTAMENTOS

Sérgio Roberto Kieling Franco¹
Diandra Dal Sent Machado²

Resumo

O propósito do presente artigo é o de fazer alguns apontamentos acerca da ideia de mediação no interacionismo piagetiano. Parte-se de uma discussão acerca do problema da interação entre sujeito e objeto do conhecimento, apresentando aspectos da explicação piagetiana para o modo como se dá a construção de conhecimento (como forma, estrutura). Mobiliza-se, para tanto, o conceito de abstração reflexionante, com seus dois momentos: reflexionamento e reflexão. Em seguida, aborda-se o sentido de mediação em uma perspectiva dialética, especificamente, dialética hegeliana (momento da negação e contradição inerente ao processo de superação). Analisando a abordagem interacionista de Piaget, particularmente a explicação do processo de construção de conhecimento, demonstra-se que este é entendido dialeticamente, o que fica explícito a partir do constructo da abstração reflexionante. Por fim, observa-se que a ideia de mediação na abordagem piagetiana é eminentemente dialética na medida em que não existe apenas como algo que está no meio de dois momentos, o que lhe torna essencialmente distinta da ideia de mediação própria das abordagens de cunho positivista.

Palavras Chave: Piaget. Dialética. Mediação. Cognição. Epistemologia.

¹ Universidade Federal do Rio Grande do Sul. E-mail: sergio.franco@ufrgs.br - ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-1221-1310>

² Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, com bolsa CAPES. E-mail: dian-dra_mac@hotmail.com - ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0421-5124>

THE IDEA OF MEDIATION IN PIAGETIAN INTERACTIONISM: SOME POINTS

Abstract

The purpose of this article is to make some notes about the idea of mediation in Piagetian interactionism. It starts with a discussion about the problem of interaction between subject and object of knowledge, introducing some aspects of the Piagetian explanation of how knowledge is constructed (as form, structure). For that purpose, the concept of reflexive abstraction comes into scene, with its two moments: reflexioning and reflexion. After that, we move to the meaning of mediation from a dialectical perspective, specifically from the Hegelian approach (the moment of negation and contradiction being inherent in the process of overcoming). Analyzing Piaget's interactionist approach, its development process in particular, we attempt to demonstrate that it is understood dialectically, which is very explicit in the reflexive abstraction construct. Finally, in conclusion, we make the point that the concept of mediation used in the Piagetian approach is eminently dialectical inasmuch as it does not exist only as something that is inbetween two moments, and that makes it essentially different from the idea of mediation as employed in positivist approaches.

Keywords: Piaget. Dialectic. Mediation. Cognition. Epistemology.

Considerações iniciais

A discussão acerca do conhecimento é central na história do pensamento ocidental. A Filosofia tem empreendido esse debate de modo sistematizado pelo menos desde Platão (aprox. 428/427- 348/347 a.C.). Com o desenvolvimento histórico, social, econômico, tecnológico e científico das sociedades ocidentais e com o próprio desenvolvimento da Filosofia, entrelaçando-se aos demais desenvolvimentos mencionados, outras áreas do conhecimento passaram a também investigar essa questão. Como uma ciência nascida da confluência entre a Filosofia e as Ciências Naturais (Cf. FIGUEIREDO; SANTI, 1997), a Psicologia tem se colocado na tarefa de investigar essa questão, contando, para

tanto, com modos próprios de investigação. Entretanto, esses modos de investigação podem divergir entre si, estando de acordo com as orientações adotadas por cada corrente teórica.

Na Filosofia, um dos pontos centrais do debate acerca do conhecimento é o da relação entre o sujeito que conhece e aquilo que é conhecido, o objeto. Essa discussão acerca da relação entre sujeito e objeto se estende para a Psicologia. Para discutir essa relação, algumas teorias psicológicas fazem uso do termo *mediação*. Esse é o caso do Cognitivismo norte-americano, dos interacionismos de Lev Vygotsky (1896-1934) e de Humberto Maturana (1928-), e do interacionismo desenvolvido por Jean Piaget (1896-1980) e por colaboradores e colaboradoras.

Nosso propósito no presente artigo é o de fazer alguns apontamentos acerca da ideia de mediação no interacionismo piagetiano, destacando a abordagem dialética utilizada pelo autor ao lidar com a questão da relação entre o sujeito que conhece e o objeto a ser conhecido. Considerando a divisão da obra de Piaget em quatro períodos (Cf. MONTANGERO; MAURICE-NAVILLE, 1998), iremos nos deter, sobretudo, no último período de sua obra, caracterizado como mais interacionista e dialético.³

A abordagem de Jean Piaget

Em Epistemologia, a proposta de Jean Piaget se distancia tanto de concepções aprioristas quanto de concepções empiristas. No tempo de Piaget, em Epistemologia, o Empirismo era fortemente representado pelo Positivismo Lógico, que, em Psicologia, tinha no Behaviorismo uma espécie de equivalente

³ O primeiro período é denominado por Montangero e Maurice-Naville (1998) como período das mentalidades infantis e do egocentrismo, e abarca as obras produzidas nos anos 20 e começo dos 30 do século XX; o segundo, como funcionalista e inclui obras produzidas em meados dos anos 30 até 45; o terceiro, como estruturalista, inclui as obras do fim dos anos 30 até fim dos 50; o quarto, por sua vez, como mais interacionista e dialético, inclui obras produzidas a partir dos anos 70.

representativo. No que compete à Psicologia, a Gestalt foi a proposta de orientação apriorista a que Piaget também se opôs.

Piaget era um pesquisador que prezava pela cientificidade, e exatamente por isso desenvolveu uma Psicologia que pudesse, de algum modo, sustentar empiricamente suas posições em Epistemologia, sem, com isso, recair em qualquer tipo de defesa de um positivismo na ciência. Atribuir características positivistas ao pensamento de Piaget não passa de interpretação inadequada. Ao lidar com a relação entre sujeito e objeto, Piaget investigou um “[...] problema ‘positivo’ [...]” (PIAGET, [1965]1978, p. 33); mais especificamente, ele investigou o seguinte problema positivo: “[...] como aumentam os (e não o) conhecimentos? [...]” (Id., [1970]1978, p. 33). Piaget, “[e]n lugar de interrogarse por la naturaleza del conocimiento o por los fundamentos que lo justifican, [...] se ocupa centralmente de los mecanismos que explican su transformación. (CASTORINA, 2014, p. 9). Investigar um problema positivo não é o mesmo que aderir ao Positivismo. Piaget faz essa distinção sublinhando que “[o] positivismo [...] ignora ou subestima a atividade do sujeito em proveito unicamente da constatação ou da generalização das leis constatadas [...]” e que “[...] é uma doutrina do fechamento da ciência à qual quer delimitar fronteiras definitivas [...]” (Id., [1965]1978 p. 80). Por sua vez, Piaget compreende que “[...] a ciência é indefinidamente aberta e pode abordar qualquer problema desde que se encontre um método que realize o acordo entre os pesquisadores.” (Ibid.).

Na Epistemologia Genética elaborada por Piaget e por colaboradores e colaboradoras, a relação entre sujeito e objeto parte da relação inicial entre organismo e meio. Piaget estabelece continuidade entre organismo e sujeito, isto é, entre a organização biológica e a organização mental (Cf. PIAGET, [1967]1973). Considerando que o organismo é constituído por estrutura e funcionamento, Piaget fala em continuidade funcional e ruptura estrutural, ou ainda,

em “estruturas variáveis” e em “funções invariantes” (PIAGET, [1936]1987, p. 16). Em certa medida, também é possível que se fale em algum nível de continuidade estrutural na proposta piagetiana. Todavia, trata-se de uma continuidade estrutural que coexiste com a variância estrutural, com a reelaboração das estruturas em novos patamares, marcando, assim, o desenvolvimento do conhecimento propriamente dito (como forma, estrutura).

De acordo com Ramozzi-Chiarottino (1997, p. 111), “[...] o organismo, como tal, quase nunca foi considerado no processo de aquisição do conhecimento necessário e universal”. Piaget elabora uma epistemologia que inclui o organismo e que tem na ação do organismo o instrumento de troca inicial com o meio. A ação do organismo pode se dar em dois sentidos, sobre o meio e sobre si mesmo, isto é, respectivamente, como *assimilação* e como *acomodação*. Para Piaget, a vida existe como sistema equilibrado. Mais especificamente, “[...] a vida é uma criação contínua de formas cada vez mais complexas e o estabelecimento de um equilíbrio progressivo entre essas formas e o meio.” (PIAGET, [1936]1987, p. 15). Considerando que o meio apresenta variações, as relações entre organismo e meio produzem desequilíbrios no organismo. Orientado pelo princípio de manutenção da vida, e na busca por manter certo equilíbrio, dentro de certas condições, o organismo age sobre si mesmo e se modifica, adaptando-se. Ramozzi-Chiarottino (1994, p. 33) afirma que “[a] ação na concepção de Piaget só pode ser entendida como parte do funcionamento de toda organização viva [...]” que, com o intuito de se manter viva, adapta-se. Na Epistemologia Genética, “[a] adaptação é uma equilibração [...]” (PIAGET, [1967]1973, p. 235).

Talvez por não negligenciar o papel do organismo na constituição do sujeito e por sua insistência em falar de um “desenvolvimento espontâneo”, há quem identifique Piaget com concepções aprioristas e maturacionistas. É certo que Piaget não descarta a maturação, uma vez que ela é entendida como um

dos *fatores do desenvolvimento*. A maturação é um fator necessário, mas não suficiente para explicar o desenvolvimento cognitivo. Sem os outros fatores do desenvolvimento, a saber, *experiência, transmissão social e equilíbrio* ou *autorregulação* (Cf. PIAGET, [1972]1978), a maturação não explica o desenvolvimento do conhecimento humano, bem como a constituição do sujeito como sujeito cognoscente. O “desenvolvimento espontâneo” de que fala Piaget não tem a conotação de apriorístico. Piaget fala em movimento espontâneo no sentido de que ele não é dirigido pelos elementos externos. Todavia, isso não quer dizer que o desenvolvimento seja independente desses elementos externos (Cf. PIAGET, [1972]1978). Muito ao contrário disso, Piaget pontua que não existe desenvolvimento cognitivo sem trocas entre sujeito e objeto, que são, sempre e necessariamente, trocas entre organismo e meio.⁴

A partir dos anos 1960, sobretudo como resposta à influência das ideias de Noam Chomsky (1928-) sobre a Psicologia, Piaget passou a intensificar sua contrariedade às concepções aprioristas (Cf. PIATTELLI-PALMARINI, 1983). Para tanto, ele insiste na tese da *autorregulação*, entendendo-a como “[...] um mecanismo de autocorreção dos erros que tende a restabelecer o equilíbrio cognitivo ou a regular a evolução do desenvolvimento na direção de um equilíbrio melhor” (MONTANGERO; MAURICE-NAVILLE, 1998, p. 222). Esse esforço em apontar para as insuficiências das concepções aprioristas do conhecimento é feito também a partir da consideração de um *a priori* no conhecimento. Todavia, o *a priori* de que fala Piaget é distinto daquele proposto pelas correntes aprioristas em Epistemologia e em Psicologia. Dito isso, cabe mencionar que a Epistemologia Genética de Piaget é fortemente influenciada pela epistemologia de Immanuel Kant (1724-1804). Contudo, ao contrário de Kant, para Piaget, o *a*

⁴ Lourenço (1998) identifica como parte de uma interpretação padrão a compreensão de que haveria em Piaget a proposta de um desenvolvimento que independeria das relações com aquilo que é externo ao sujeito.

priori sempre foi um “*a priori* construído” (Cf. PIAGET, [1936]1987). É nesse sentido que o próprio Piaget afirma que seu pensamento pode ser entendido como um “kantismo evolutivo” (Cf. RAMOZZI-CHIAROTTINO, 1994). Como kantismo evolutivo, Piaget propõe que o conhecimento, como estrutura que organiza o mundo para o sujeito, não está dado previamente acabado no sujeito. Para Piaget, o conhecimento se estrutura ao estruturar o mundo do objeto. Ao mesmo tempo, o conhecimento também não se resume a uma mera cópia do real, entendendo o real como aquilo que é externo ao sujeito. A defesa de que o conhecimento não é cópia do real (Cf. PIAGET, [1936]1987) aparece desde os seus primeiros trabalhos. Não estando pronto nem no sujeito nem no mundo fora dele, o conhecimento é construído entre sujeito e objeto.

É justamente sobre esse *entre* sujeito e objeto que Piaget se detém. Ao deter-se sobre o que acontece entre sujeito e objeto, o autor considera o processo de elaboração do conhecimento, que é, ao mesmo tempo, o processo de elaboração do próprio sujeito como sujeito de conhecimento e do objeto como objeto de conhecimento para o sujeito. Para a Epistemologia Genética, sujeito e objeto não existem de antemão, isto é, fora dessa relação. É na relação e pela relação entre sujeito e objeto que sujeito, objeto e conhecimento podem vir a ser. Em Piaget, o *entre* envolve ação. Mas não se trata de qualquer tipo de ação. Trata-se, desde os primeiros períodos de sua obra, de ação como assimilação e como acomodação, isto é, como *interação*.

Sem abrir mão da denominação de seu pensamento como um kantismo evolutivo, Piaget afirma que seu pensamento também pode ser entendido como um “construtivismo dialético” (PIAGET, [1965]1978, p. 107). É principalmente a partir de uma abordagem dialética – “[...] desde el punto de vista de la dialética” (PIAGET, [1980]1996, p. 168) – que Piaget aprofunda a discussão acerca dos instrumentos de troca entre sujeito e objeto e dos processos de cons-

trução das *operações*. Operações são também ações, mas ações de um outro tipo. “Chamaremos ‘operações’ ações interiorizadas, quer dizer executadas não mais material, mas interior e simbolicamente, e ações que podem ser combinadas de todas as maneiras; em particular, que podem ser invertidas, que são reversíveis [...]” (PIAGET, [1972]1978, p. 216). O conceito de ação é nuclear dentro da proposta piagetiana, e está presente em toda a sua explicação para a relação entre sujeito e objeto. Essa centralidade da ação aparece já no primeiro período de sua obra, sendo considerada como instrumento de troca inicial desde as relações entre organismo e meio, conforme referimos anteriormente. No último período de sua obra, trata-se, sobretudo, de ação como *reflexionamento* e como *reflexão*.

Mencionamos que, de acordo com Montangero e Maurice-Naville (1998), o último período da obra de Piaget é marcadamente interacionista e dialético. Entre as obras desse período, destacamos *Abstração Reflexionante: Relações Lógico-Aritméticas e Ordem das Relações Espaciais*, de 1977, cujo mote é a explicação de como se produzem as novidades do conhecimento, isto é, “[...] o problema da crescente riqueza das ‘formas’” (PIAGET, [1977]1995, p. 278). Na explicação piagetiana, essas formas são engendradas pela própria *abstração reflexionante*, que, por sua vez,

comporta, sempre, dois aspectos inseparáveis: de um lado, ‘reflexionamento’ (*réfléchissement*), ou seja, a projeção [...] sobre um patamar superior daquilo que é tirado do patamar inferior [...] e, de outro lado, uma ‘reflexão’ (*réflexion*), entendida esta como ato mental de reconstrução e reorganização sobre o patamar superior daquilo que foi assim transferido do inferior (Ibid., pp. 274-275).

A constituição da abstração reflexionante pelos movimentos de reflexionamento e de reflexão caracteriza sua dialeticidade. Vejamos porquê: para que exista reflexão, isto é, a reconstrução, é preciso que tenha existido anteriormente um movimento de retirada dessas qualidades de um patamar inferior, a saber, o reflexionamento. Na medida em que existe essa retirada de algo de um

patamar inferior e a projeção ou elevação desse algo para outro patamar, haverá reconstrução. Isso se dá porque a organização que existia no patamar inferior (e anterior) não é mais suficiente para o patamar superior (e posterior), precisando ser reelaborada para que se possa falar em equilíbrio do sistema. Piaget explicita esse movimento de reelaboração como busca por reequilibração quando diz que

[...] uma transposição de estruturas de um patamar inferior ao patamar seguinte de reflexionamento é, naturalmente, a fonte de múltiplos desequilíbrios devido às novas dimensões a considerar [...], do que decorre a necessidade de novas acomodações e assimilações. Todo o segredo dessas novidades deve, então, ser procurado no equilíbrio das diferenciações e das integrações. (PIAGET, [1977]1995, p. 284).

Conforme Ramozzi-Chiarottino (1988, p. 10), o conceito de adaptação passa por evoluções dentro da obra de Piaget, de modo que “[e]m um terceiro momento, explica-se em termos de uma ‘abstração reflexiva’ [aqui apresentada como *abstração reflexionante*] que encarna o processo dialético, através do qual o ser humano cresce, se socializa, conhece e se autodetermina.”. Desde o primeiro período da obra de Piaget, assimilação e acomodação constituem o movimento de adaptação. Fazendo articulação entre a terminologia dos diferentes períodos, o reflexionamento pode ser entendido como assimilação, enquanto a reflexão pode ser entendida como acomodação. Para que exista acomodação, é preciso que tenha existido desequilíbrio, bem como ação do sujeito no sentido de construir novo estado de equilíbrio. Na teoria da equilibração, Piaget fala em assimilação e acomodação, isto é, em interação, para explicar o processo pelo qual o sujeito se constrói como sujeito de conhecimento e constrói o mundo como objeto de conhecimento. Na teoria da abstração, ele explica esse processo pelos movimentos de reflexionamento e de reflexão. Assim como assimilação e acomodação existem como par, reflexionamento e reflexão são movimentos inseparáveis. Eles são movimentos inseparáveis e constituintes da abstração reflexionante.

te. Isto é, sem qualquer um desses dois movimentos não se pode falar em abstração reflexionante, que, de acordo com Piaget, pode ser entendida em termos de “reconstruções convergentes com superações” (PIAGET, [1977]1995, p. 286).

As superações apresentam diferenciações em relação ao estado anterior, marcando novidades, isto é, propiciando o desenvolvimento do conhecimento propriamente dito, a variância estrutural de que fala Piaget. Entretanto, as novas construções não surgem do nada. A diferenciação resultante do movimento é acompanhada de seu par, a integração. Diferenciação e integração caminham juntas na explicação piagetiana para a construção do conhecimento; enquanto a primeira garante as novidades, a segunda possibilita que essas novidades sejam integradas à organização geral. Em outras palavras, podemos dizer que, do movimento de reflexionamento e de reflexão ocorre uma síntese. Piaget ([1980]1996) utiliza os termos síntese dialética e superação para se referir ao resultado desse processo. Como resultante desse processo, essa síntese passa a atuar, em seguida, como nova organização. Dito de outro modo, cada nova síntese produzida por reflexionamento e reflexão constitui-se como um novo estado para o sujeito. O estado é o produto do processo, e se impõe como nova organização que estará disponível ao sujeito para lidar consigo mesmo e com o objeto em situações de trocas futuras. De modo geral, a síntese torna-se nova organização (ou novo estado) e, como nova organização, abrirá possibilidade para sínteses futuras, contando com novos movimentos de reflexionamento e de reflexão. Como afirma Piaget, esse movimento não tem fim, assim como não é possível demarcarmos para ele um começo absoluto (Cf. PIAGET, [1977]1995, p. 277). É nesse sentido que a abstração reflexionante engendra novidades, mas essas novidades jamais são construídas do zero. A novidade se dá sempre a partir de construções anteriores do sujeito.

Dentro do que nos interessa aqui, que é a ideia de mediação, para que novidades possam ser engendradas, é preciso que exista o momento de perturbação e desequilíbrio para que algo possa ser construído em um patamar superior. É por existir desequilíbrio que o sujeito pode agir para se reequilibrar, para se reorganizar. Essa reorganização é efetivada a partir daquilo que “estava sendo”, isto é, sua organização anterior, mas contando também com o novo que surge a partir do conflito.

A partir do acima apresentado e considerando a presença de um ponto de vista dialético em Piaget (Cf. PIAGET, [1980]1996, p. 168) que é acentuado, sobretudo, no quarto período de sua obra (Cf. MONTANGERO; MAURICE-NAVILLE, 1998), trazemos, a seguir, alguns elementos da dialética desenvolvida por Friedrich Hegel (1770-1831), autor citado nominalmente por Piaget em *Les formes élémentaires de la dialectique*, de 1980, sua última obra publicada em vida, onde consta como um dos objetivos da mencionada obra o de

[...] mostrar que existen procesos dialécticos a todos los niveles tanto de pensamiento como de acción em todos aquellos casos em que se hace necessário construir formas nuevas que no se deducen por vías simplemente <<discursivas>> de las estructuras o de las proposiciones conocidas ya anteriormente. (PIAGET, [1980]1996, p. 9).

Mediação

O termo dialética tem origem no verbo grego *dialegesthai*. Esse verbo significa, de modo geral, “conversar”. No grego, a preposição *diá* pode ser usada para compor palavras, e essa composição possibilita mudanças de sentido. De acordo com o dicionário Liddell e Scott (1996), o uso da preposição *diá* pode dotar as palavras dos seguintes significados: “através de” (em sentido espacial); “diferenciação”, “discordância”; “relação mútua”; “completude da ação”; “mistura entre partes”. Os sentidos da preposição *diá* esclarecem, pelo menos em parte, o que está posto em jogo quando se fala em dialética. O pensamento dia-

lético remonta ao início da Filosofia ocidental. Na Antiguidade, Platão é um de seus grandes expositores.⁵ Ainda antes de Platão, Heráclito de Éfeso (aprox. 535–475 a.C.) elaborou seu pensamento e veio a ser considerado o pai da dialética. Cabe salientar que a dialética de Platão não é a mesma que a de Heráclito. Embora possamos falar em pensamento dialético em um sentido bastante amplo, é preciso considerar que o sentido de dialética tem sua especificidade conforme as elaborações de cada autor (e para além dos nomes de Platão e Heráclito).

Heráclito tem na ideia de movimento um dos pontos cruciais de seu pensamento. Para Heráclito, conforme indicado, por exemplo, no fragmento 90,⁶ a origem de todas as coisas é o fogo. Fogo é sempre inquietação, “[...] é movimento manifesto.” (MACHADO, 2015, p. 30). O movimento contínuo é marca do pensamento dialético, embora exista também a ideia complementar de que junto desse movimento há uma certa ordenação. Isto é, há algo que permite algum nível de permanência e que, na medida em que permite algum nível de permanência, garante também a possibilidade da mudança. Sem renunciar a algum nível de permanência, de um ponto de vista dialético, o *ser* é um *vir a ser*, é *devenir*.

Séculos mais tarde, na Modernidade, Hegel se tornou outro grande expositor dessa abordagem, sendo considerado o pai da dialética moderna. Para Kesselring (1993, p. 556), “[h]á muitas maneiras de se discutir a dialética hegeliana, e não há dúvida de que cada uma destas discussões pode ser criticada de uma e outra forma.”. Essas discussões vão sendo marcadas por interpretações, e por um “acúmulo de significações” (ANTUNES, 2018, p. 24) que acompanha o

⁵ Sobre a dialética em Platão: “Dialética: teoria, práxis; Ensaio para uma crítica da fundamentação ontológica da Dialética”, de Bornheim (1983).

⁶ “Por fogo se trocam todas (as coisas) e fogo por todas, tal como por ouro mercadorias e por mercadorias ouro.” (HERÁCLITO, 1973, p. 93).

termo. É também contando com algumas interpretações que trazemos aqui aspectos da dialética hegeliana.

Kesselring (1993, p. 580) afirma que a dialética é o coração do sistema hegeliano. É dentro dessa dialética, fundamentalmente marcada pela ideia de movimento, de devir, que se insere a ideia de mediação. Para explicarmos essa ideia de mediação, iremos nos deter no uso que Hegel faz do termo *Aufheben*. Na *Ciência da Lógica - 1. A Doutrina do Ser* ([1812]2016), lidando com os conceitos de ser e nada, Hegel faz algumas considerações acerca do termo *suprassumir* (*Aufheben*), e do que é *suprassumido* (*Aufgehobene*). Conforme Hegel ([1812]2016, pp. 111-112), “[o] que se suprassume, não se torna, por isso, nada. Nada é o *imediat*o; um *suprassumido*, ao contrário, é um *mediado*, é aquilo que não é, mas como *resultado* que partiu de um ser; ele tem, portanto, *ainda em si, a determinidade da qual provém*.”. Hegel (Ibid.) ainda destaca:

Suprassumir tem na língua (alemã) o sentido duplo pelo qual significa tanto guardar, *conservar*, quanto, ao mesmo tempo, cessar, *pôr fim*. O guardar mesmo já encerra em si o negativo, que algo é subtraído a sua imediatidade e, com isso, a um ser aí aberto às influências externas, a fim de conservá-lo. – Assim, o *suprassumido* é, ao mesmo tempo, um guardado, que apenas perdeu sua imediatidade, mas, por isso, não é aniquilado. – As duas determinações do *suprassumir* indicadas podem ser expostas, em termos lexicais, como dois *significados* dessa palavra.

É interpretando Hegel que Bornheim (1983, p. 51) apresenta o *Aufheben* como tendo o “[...] o tríplice sentido de tomar, conservar e elevar; o que toma conserva através do todo do processo, mas o ergue a uma instância superior.”. Contando com os sentidos do *Aufheben* acima apresentados, vejamos que momentos são esses que compõem o movimento dialético em Hegel – “[...] o movimento dialético, esse caminhar que a si mesmo produz [...]” (HEGEL, [1807]2007, p. 65).

Kesselring (1993, p. 576) entende “[...] o princípio fundamental da dialética hegeliana como uma sequência que se vai repetindo gradualmente de imediatidade, negação e negação da negação.” Hegel fala em imediatez, ou ainda, em imediatidade, conforme indica Kesselring (Ibid.). “Lo que ahí en efecto sucede es que se supera la imediatez [...]”, (HEGEL, [1830]2005, p. 207). Essa imediatez também pode ser lida em termos de afirmação, uma vez que Hegel compreende “[...] la afirmación en cuanto negación de la negación [...]” (Ibid.). A afirmação é, portanto, aquilo que se configura como o imediato, tendo sido produzido anteriormente como resultado de uma superação, isto é, como resultado de uma negação da negação. A superação é a superação da afirmação inicial, produzindo, assim, e contando com a negação, uma nova afirmação. Nesse sentido, utilizaremos os termos *imediatez* ou *afirmação*, *negação* e *superação* ao falarmos dos momentos constitutivos do movimento dialético hegeliano.

Em consonância com o que foi apresentado acima, podemos dizer que um determinado estado das coisas é o que se pode chamar de momento inicial de um movimento dialético. Isto é, o modo como as coisas estão sendo é propriamente o primeiro momento do movimento, sua imediatez, ou ainda, o momento de *afirmação*. A imediatez ou afirmação é sempre o pontapé inicial, sem o qual o movimento não encontra possibilidade de se desenrolar. Dizemos pontapé inicial, entretanto, é preciso levar em conta que também a imediatez ou afirmação que se apresenta como tal foi produzida anteriormente como resultado de uma superação, de uma suprassunção. Voltaremos a isso no próximo parágrafo. A partir da existência dessa afirmação, existe a possibilidade de que um segundo momento venha a ser, como *negação*. “Em Hegel, *negação* quer dizer, em sua significação fundamental, o mesmo que diferenciação, negar significa diferenciar ou distinguir, separar [...]” (KESSELRING, 1993, p. 576). A negação traz algo que conflituava, em algum nível, com aquilo que constituía a imedia-

tez anterior. Todavia, o movimento dialético não se encerra no conflito. Nesse movimento, o conflito é sempre impulsionador. Na busca pela resolução do conflito, é possível que se passe ao terceiro momento do movimento, que é o momento de “negação da negação” (HEGEL, [1830]2005, p. 197), ou ainda, da *superación* propriamente dita, como *suprassunción*. Na *superación* “[...] a contradicción não desapareceu abstratamente, mas está dissolvida e reconciliada [...]” (HEGEL, [1812]2016, p. 157). “[S]uperación, sin embargo, que viene a dar en un outro” (Ibid., p. 480). O surgimento desse outro se dá na medida em que “[...] la negación de la negación no es una neutralización [...]” (Id., [1830]2005, p. 199). Na *superación* há sempre algum grau de conservação, pois a negação nunca é uma aniquilação absoluta daquilo que estava sendo, uma vez que, ao mesmo tempo em que nega, também conserva parte daquilo que estava sendo e eleva a resultante a um novo lugar, conforme os sentidos do *Aufheben*. A conservação garante algum grau de continuidade entre aquilo que estava sendo e aquilo que passou a ser. Em suma, podemos compreender o movimento dialético hegeliano como mudança de um estado de imediatez que, atravessado pelo momento de negação, efetiva *superaciones*, passando para um outro estado de coisas, mas com certo grau de conservação. Há, com esse terceiro momento, a elevação daquela afirmação primeira a um degrau superior em relação ao primeiro momento, isto é, ao momento de imediatez que foi pontapé inicial do movimento. Para Hegel ([1830], 2005, p. 183),

[...]a dialéctica tiene un resultado positivo porque tiene un contenido determinado o [lo que es lo mismo], porque su resultado no es verdaderamente la nada abstracta y vacía, sino la negación de determinaciones [sabidas como] ciertas, las cuales se conservan en el resultado, precisamente porque éste no es una nada inmediata, sino un resultado.

Em Hegel, o movimento dialético possibilita que se dê o desenvolvimento, ou ainda, retomando citação da *Fenomenologia do Espírito* ([1807]2007,

p. 65), o movimento produz o desenvolvimento. Em *Introdução à história da Filosofia* ([1837]1980, pp. 338-339), Hegel afirma que “[...] o fruto do desenvolvimento [...] é o resultado do movimento, mas, enquanto é só resultado dum degrau, é como que o derradeiro destes degraus; ao mesmo tempo, é o ponto de partida e o primeiro dum sucessivo desenvolvimento.”. Sobre isso, complementa dizendo: “[...] a matéria, que, como formada, tem forma, torna a ser matéria para nova forma.”. Adiante, Hegel (Ibid., p. 344) ainda diz: “Este terceiro momento pode ser, por sua vez, o princípio de ulterior desenvolvimento.”. O terceiro momento é a superação, criadora de uma nova afirmação ou imediatez que se abre como possibilidade para o vir a ser de novos estados, na medida do estabelecimento de subsequentes movimentos dialéticos. Cada um dos momentos constituintes do movimento dialético é necessário para que se dê o fechamento de uma totalidade, entendendo a totalidade como a resultante do movimento, portanto, como algo que contém em si todos os momentos constituintes do movimento em questão. Importante sublinhar mais uma vez que o movimento dialético consiste em mudança onde há sempre algum nível de permanência, isto é, uma mudança em que as coisas não se perdem a esmo. “Um rompimento total acarretaria a destruição da continuidade que existe apesar de todas as mudanças. No movimento dialético, mudança e permanência são indissociáveis e garantem a unidade do todo”. (MACHADO, 2015, p. 33). Nesse movimento, nunca há ruptura completa, mas aperfeiçoamento daquilo que estava sendo e que se impôs como imediatez.

Hegel ([1830]2005, p. 471) fala de movimento dialético em sentido amplo, por exemplo, quando fala em “[...] el movimiento dialéctico del concepto, la determinación progresiva de la conciencia [...]”. Dito isso, e considerando que há momentos constituintes do movimento dialético, cabe observar que Hegel ainda fala em momento dialético. Para Hegel (Ibid., p. 183), “[e]l momento

dialético es el propio superar de tales determinaciones finitas y su pasar a sus opuestas.”. Ao falar do progresso da consciência, Hegel (Ibid., p. 572) destaca o papel impulsionador do momento de negação quando diz: “[...] la negación, por medio de la cual [la autoconciencia] eleva su espíritu a la verdad [...]”. Comentando o texto hegeliano de que extraímos as citações anteriores – *Enciclopedia de las Ciencias Filosóficas en Compendio* –, Plana (In: HEGEL, [1830]2005, p. 24) observa o seguinte acerca dessa centralidade do momento de negação:

Hegel incluye [...] el «momento» dialéctico o negativo como constitutivo de todos los planos del conocimiento a partir del peldaño inferior en el que sitúa la representación. Es la negatividad interior a ésta lo que la impulsa, desde ella misma y por sí misma, a su propia superación.

A negação é o momento dialético, sem o qual não há superação e passagem a um novo degrau mais elevado. Podemos, assim, falar em um momento propriamente dialético – a negação – dentro do movimento dialético. É nesse sentido, isto é, da compreensão da negação como momento propriamente dialético que, de acordo com Bornheim (1992, p. 105), a contradição assume grande relevância no processo dialético dentro do pensamento hegeliano. “Hegel diz que a contradição é ‘a raiz de todo movimento e de toda vida’[...]”. (BORNHEIM, 1983, p. 50). Tendo na contradição um ponto nuclear da dialética, em Hegel não se trata de ficar “[...] emperrado na própria contradição.” (Ibid.). “[O] negativo, a contradição, é o elemento impulsionador através do qual se pode atingir a síntese [isto é, a superação]” (Ibid., p. 52). Mencionado isso, cabe salientar que, em Hegel, “[u]ma contradição não se apresenta, pois, imediatamente, como o confronto exterior ou desligado de dois momentos ou elementos incongruentes.” (MOURA, 1977, p. 145). Por isso, ela – a contradição – “[...] nunca pode ser tomada isoladamente ou em si.” (Ibid., p. 144). Mais que isso, cabe assinalar que “[a]s contradições não são estáticas; não se encontram estabe-

lecionadas definitivamente, de uma vez para sempre. [...] Elas próprias se definem num horizonte de historicidade.” (Ibid., pp. 158-159).

Ainda sobre a particularidade do momento de negação, e chamando atenção para seu caráter mediador, Hegel ([1830]2005, p. 572) diz:

Respecto a la *mediación* en que consiste la elevación a Dios, hemos indicado anteriormente (§ 192, véase también § 204 N) que sobre todo hay que atender al momento de la *negación*, por cuanto a través de ella el contenido esencial del punto de partida se purifica y de esta manera emerge libre.

Nesse sentido, ao olharmos para o papel da negação e da contradição no movimento dialético hegeliano entra em cena a ideia de mediação. Conforme Abbagnano (2007, p. 666), em seu *Diccionario de Filosofia*, mediação é, de modo geral, “função que relaciona dois termos ou dois objetos”. Em Hegel, ela não é simplesmente o que está “no meio” de duas pontas. Mediação pode ser entendida como um dos momentos do movimento dialético. Mais especificamente, ela é o momento da negação e da contradição gerada por ela pela sua confrontação com a afirmação inicial. Só existe mediação porque há negação e a contradição dela decorrente. A partir do confronto entre afirmação ou imediatez e negação pode ser engendrada uma superação. A mediação é constituída pela negação e contradição, e a superação será a negação da negação, sem que isso signifique voltar à imediatez anterior. Isso só pode ser compreendido dentro de uma ideia de movimento. Explicitando o caráter da mediação em Hegel, Meneses (1985, p. 16) afirma:

Eis uma palavra que choca; mas porque se ignora a natureza da mediação, tanto quanto a do absoluto. Mediação é igualdade-consigo-mesmo, em movimento; reflexão sobre si, momento do eu que é *para-si*, pura negatividade, simples ‘devir’. A reflexão é um momento positivo do absoluto, já que suprassume a oposição entre o verdadeiro e o seu ‘devir’. O embrião é em-si homem, mas não o é para-si. Para-si o homem só é como razão cultivada e desenvolvida que se fez ou tornou aquilo que é em-si. O resultado é, de novo, simples e imediato,

posto que liberdade consciente de si que repousa em si mesmo: que não deixou de lado a oposição, mas reconciliou-se com ela.

Em consonância com o que é dito no trecho supracitado, de acordo com Moura (1977, pp. 56-57), “[a] mediação do finito, que permite e constitui a sua manifestação ou a sua realidade, passa pela negação da sua determinação imediata e condu-lo a uma nova configuração que, por sua vez, terá novamente de ser negada.”. Na *Fenomenologia do Espírito* ([1807]2007), Hegel fala na passagem de uma figura para outra, de uma figura menos verdadeira para uma figura mais verdadeira, ou ainda, mais universal. Em termos hegelianos, se não houver *morte*, não haverá o surgimento de uma nova figura, isto é, de um outro momento, um novo estar sendo, de um outro degrau. Conforme Bornheim (1983, p. 45), para Hegel, “[a] vida do Espírito não é a vida que tem medo diante da morte e se preserva da destruição, mas é a vida que suporta a morte e se conserva nela.”. A mediação é o que possibilita essa “morte”, pois é negação e confronto com ela, e porque é negação sempre com algum grau de conservação, ela possibilita o surgimento de algo outro: a vida. Assim, podemos dizer que, em Hegel, é apenas por meio da morte que a vida se faz possível. Dito de outro modo, é apenas porque há negação e contradição, como mediação, que a superação pode se dar, e, com essa superação, a construção de um outro momento, tornado vida. A perturbação é negação, logo, mediação. Sem esse fator desequilibrador, que é mediador, não podemos falar em movimento, bem como não podemos falar em vida. “[O] emprego hegeliano do conceito de negação se diferencia acentuadamente de seu emprego na linguagem comum.” (KESSELRING, 1993, pp. 575-576). Com esse emprego próprio do conceito de negação, Hegel buscou elaborar uma lógica capaz de abarcar a vida (Cf. INWOOD, 1997, p. 94).

Considerações finais

A ideia de devir é constituinte do pensamento dialético. É nesse constante vir a ser que a ideia de mediação se insere, como parte de um movimento essencialmente dinâmico e que se constitui na medida desse próprio movimento e de cada um de seus momentos postos em relação. Dentro da proposta interacionista de Jean Piaget, a ideia de mediação pode ser compreendida, em alguma medida, como tributária de alguns pontos da concepção dialética hegeliana, de modo especial, vinculada aos sentidos do *Aufheben*.

Na dialética hegeliana, mediação não existe apenas como algo que está entre o momento de imediatez ou afirmação e o de superação, mas como um momento com existência própria e de que a imediatez depende para poder se transfigurar em superação. Em Piaget, olhando para os momentos de reflexionamento e de reflexão constituintes da abstração reflexionante, podemos dizer que a mediação existe como momento perturbador e desequilibrador e, consequentemente, como impulsionador de todo o processo de equilibração, ou ainda, de todo o processo de construção de conhecimento. Em outros termos, a transformação estrutural que efetiva a passagem de uma organização x para uma nova organização, como estado mais equilibrado, ou ainda, mais adaptado, é possível na medida em que há perturbação e desequilíbrio, conflito a ser superado, e que na superação eleva a organização a um patamar superior – patamar que não é novidade absoluta, pois se dá também como continuidade da organização anterior, mas com um grau de novidade suficiente para marcar um desenvolvimento.

Na explicação piagetiana para a construção do conhecimento na relação entre sujeito e objeto, o conhecimento depende desse fator mediador para

vir a ser. Sem mediação não há conhecimento. É preciso notar que há aqui, isto é, em Piaget, um sentido bastante específico de mediação, posta em sentido muito aproximado ao de negação e contradição em Hegel. A mediação é um momento do movimento que não pode ser confundido com os demais momentos que constituem o todo do movimento, pois cada um existe como momento específico. A mediação como negação e contradição, em Hegel, não é um mero “estar entre” dois momentos, não se trata simplesmente de algo que está “no meio”; ela é um momento específico e, como tal, necessário ao processo. Além disso, em Hegel, a negação é propriamente o momento dialético do movimento dialético.

Considerando esse sentido particular de mediação como negação e contradição, e uma espécie de influência da dialética hegeliana sobretudo no último período da obra de Piaget, em que certa presença dialética da proposta piagetiana torna-se mais explícita do que em períodos anteriores de sua obra, podemos dizer que o simples uso do termo mediação feito por teorias psicológicas diversas não garante que o sentido conferido ao termo seja o mesmo utilizado por Piaget, em que não se trata de qualquer mediação, mas de uma mediação propriamente dialética (hegeliana). É possível que algumas teorias psicológicas utilizem o termo mediação sem, com isso, entenderem esse termo como algo que tenha papel produtivo no que diz respeito a relação entre sujeito e objeto.

É sobretudo com a teoria da abstração reflexionante que Piaget supera as posições aprioristas e empiristas em Epistemologia (Cf. BECKER, 2014). Essa superação se dá com o apoio de um entendimento dialético dos processos de construção do conhecimento, aqui exemplificados pelos movimentos de reflexionamento e de reflexão – movimentos que constituem parte da explicação desenvolvida por Piaget acerca da produção (como construção) de conhecimen-

tos novos, e do desenvolvimento cognitivo do sujeito. Piaget entende o desenvolvimento do sujeito e do próprio conhecimento como algo constitutivamente dinâmico. Compreendemos a explicação piagetiana como influenciada, pelo menos em parte, pela dialética hegeliana, ou melhor, por aquilo que já se encontrava desenvolvido, em certa medida, na dialética hegeliana, mas recebendo contornos próprios na proposta piagetiana. A dialética hegeliana, apropriada em alguns aspectos por Piaget dentro de sua teoria, auxilia a lidar com essa dinamicidade do conhecimento humano em seus processos e microprocessos de elaboração e reelaboração constantes.

Por fim, e alinhado com o que foi apresentado até aqui, observamos que a proposta de Piaget, em Epistemologia e em Psicologia, exige uma maneira específica de interpretar a natureza e a produção do conhecimento. Na Epistemologia e na Psicologia, essa abordagem faz parte de uma tentativa também científica para compreender a dinamicidade da natureza (Cf. NOWINSKI, 1981); caracterizando-se como uma cientificidade que rompe com o Positivismo. Em Piaget, a simples descrição dos fatos não revela a dinâmica dos processos constituintes do conhecimento. Em sua explicação acerca do constante vir a ser do conhecimento na medida da relação entre sujeito e objeto, detendo-se sobre o que constitui esse *entre*, Piaget, em sua Epistemologia Genética, e não menos em sua Psicologia Genética, encara a dinamicidade constituinte dos processos cognitivos, das relações estabelecidas entre sujeito e objeto em uma perspectiva claramente dialética do conhecimento.

Referências

ABBAGNANO, N. **Dicionário de Filosofia**. Tradução: Alfredo Bosi. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

SÓFOCLES. **Édipo Tirano**. Tradução: Leonardo Antunes. 1 ed. São Paulo: Todavia, 2018.

BECKER, F. Abstração pseudo-empírica e reflexionante: Significado epistemológico e educacional. **Schème: Revista Eletrônica de Psicologia e Epistemologia Genéticas**, Marília, v. 6, Número Especial, pp. 104-128, 2014.

BORNHEIM, G. A. A invenção do novo. In: NOVAES, A. (Org.). **Tempo e História**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

BORNHEIM, G. A. **Dialética: teoria, práxis; Ensaio para uma crítica da fundamentação ontológica da Dialética**. Porto Alegre: Globo, 1983.

CASTORINA, J. A. La Epistemología Genética, ¿es una epistemología naturalizada? **Schème: Revista Eletrônica de Psicologia e Epistemologia Genéticas**, Marília, v. 6, n. 2, pp. 4-26, 2014.

FIGUEIREDO, L.C.M.; SANTI, P.L.R. **Psicologia: uma (nova) introdução**. São Paulo: Educ, 1997.

HEGEL, F. **Fenomenologia do espírito**. [1807]. Tradução: Paulo Meneses. 4 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

HEGEL, F. **Ciência da Lógica**. [1812]. Tradução: Christian G. Iber, Marloren L. Miranda e Federico Orsini. Petrópolis: Edidora Vozes, 2016.

HEGEL, F. **Enciclopedia de las Ciencias Filosóficas en Compendio**. [1830]. Tradução: Ramón Valls Plana. Madrid: Alianza Editorial, 2005.

HEGEL, Friedrich. **Introdução à história da filosofia**. [1837]. Tradução: Antônio Pinto de Carvalho. São Paulo: Abril Cultural, 1980. (Os Pensadores).

HERÁCLITO. In: **Os Pré-socráticos**. São Paulo: Abril Cultural, 1973. (Os Pensadores).

INWOOD, M. **Dicionário Hegel**. Tradução: Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

KESSELRING, T. Reconstrução racional de dialética no sentido de Hegel. In: STEIN, E; BONI, L. A. de. (Org.). **Dialética e Liberdade: Festschrift em homenagem a Car-**

los Roberto Cirne Lima. Petrópolis, RJ: Vozes; Porto Alegre: Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1993.

LIDELL, H. G.; SCOTT, R. **Greek-english léxicon.** New York: Oxford University Press, 1996.

LOURENÇO, Orlando. Além de Piaget? Sim, mas Primeiro Além da Sua Interpretação Padrão. **Análise Psicológica**, Lisboa, v. 4, n. 16, p. 521-552, 1998.

MACHADO, D. D. S. **Epistemologia Genética e Neurociências: Construção do sujeito cognoscente.** Dissertação (Mestrado). Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.

MENESES, P. **Para ler a Fenomenologia do Espírito.** São Paulo: Loyola, 1985.

MONTANGERO, J.; MAURICE-NAVILLE, D. **Piaget ou a inteligência em evolução.** Tradução: Fernando Becker e Tânia Beatriz Iwazsko Marques. Porto Alegre: Artmed, 1998.

MOURA, J. B. **Totalidade e Contradição. Acerca da Dialética.** Lisboa: Livros Horizonte, 1977.

NOWINSKI, C. Biologia, teorias do desenvolvimento e dialética. *In*: PIAGET, J. (Org.). **Lógica e Conhecimento Científico.** Volume 2. Livraria Civilização: Porto, 1981.

PIAGET, J. **O nascimento da inteligência na criança.** [1936]. Tradução: Alvaro Cabral. 4 ed. Rio de Janeiro: Zahar Ed., 1987.

PIAGET, J. **Sabedoria e ilusões da filosofia** [1965]. Tradução: Nathanael C. Caixeiro; Zilda Abujamra Daeir; Célia E. A. Di Piero. Coleção Os Pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

PIAGET, J. **Biologia e Conhecimento: ensaio sobre as relações entre as regulações orgânicas e os processos cognoscitivos.** [1967]. Tradução: Francisco M. Guimarães. Petrópolis: Vozes, 1973.

PIAGET, J. **Psicologia e Epistemologia: Por uma teoria do conhecimento.** [1970]. Tradução: Agnes Cretella. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1978.

PIAGET, J. **Problemas de psicologia genética** [1972]. Tradução: Nathanael C. Caixeiro; Zilda Abujamra Daeir; Célia E. A. Di Piero. São Paulo: Abril Cultural, 1978. (Os Pensadores.)

PIAGET, J. **Abstração reflexionante; relações lógico-aritméticas e ordem das relações espaciais.** [1977]. Tradução: Fernando Becker e Petronilha B. G. da Silva. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

PIAGET, J. **Las formas elementares de la dialéctica.** [1980]. Barcelona: Editorial Gedisa, 1996.

PIATTELLI-PALMARINI, M. **Teorias da linguagem, teorias da aprendizagem: o debate entre Jean Piaget e Noam Chomsky.** São Paulo: Cultrix/EDUSP, 1983.

RAMOZZI-CHIAROTTINO, Z. **Em busca do sentido da obra de Jean Piaget.** São Paulo: Ática, 1994.

RAMOZZI-CHIAROTTINO, Z. **Psicologia e Epistemologia Genética de Jean Piaget.** São Paulo: EPU, 1988.

RAMOZZI-CHIAROTTINO, Z. Organismo, lógica e sociedade no modelo piagetiano do conhecimento. In: FREITAG, B. (Org.). **Piaget: 100 anos.** São Paulo: Cortez, 1997.

Recebido em: 05/05/2020

Aprovado em: 15/10/2020